

VALORAÇÃO E ENTONAÇÃO NO DIALOGISMO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Paulo Cezar Czerevaty¹

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo²

pauloivai@hotmail.com

cristiane.mpa@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir dois conceitos fundamentais do pensamento do Círculo de Bakhtin a respeito da linguagem: *valoração* e *entonação*, compreendendo-os em sua presença igualmente significativa nas interlocuções escrita e oral. A escolha se deve à importância axiológica de tais conceitos no estudo da linguagem, considerada a partir da sua materialidade socioideológica. Para tanto, busca-se amparo em algumas obras do próprio Círculo (BAKHTIN, 1997 [1978]; BAKHTIN, 2017 [1975]; VOLOCHÍNOV, 2013a [1930]; VOLOCHINOV, 2013b [1926]; VOLOCHINOV, 2017 [1929]) e em autores que dialogam com suas teorias (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014; BRAIT; MELLO, 2010; MENDES-POLATO; BELOTI; MENEGASSI, 2018; MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013; SOBRAL, 2009). Os resultados da discussão apontam que: a) a realidade da valoração é sua presença no contexto extraverbal da enunciação; b) a entonação é o principal meio pelo qual a valoração passa do contexto extaverbal para o verbal; c) a entonação está estreitamente ligada ao som, no entanto, não tem compromisso único com a oralidade; d) a entonação se apresenta igualmente expressiva na escrita por meio da *imagem acústico-valorativa* que se faz do interlocutor pelas apreensões sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Valoração; Entonação; Enunciado.

ABSTRACT: The present paper aims to present and discuss two fundamental concepts from the Bakhtin Circle concerning language: valuation and intonation, understanding their equally significant participation in written and oral interlocutions. The choice comes from the axiological importance of such concepts in language studies, taken by their socio-ideological materiality. For this purpose, we seek support in some works of the Circle (BAKHTIN, 1997 [1978]; BAKHTIN, 2017 [1975]; VOLOCHINOV, 2013a [1930]; VOLOCHINOV, 2013b [1926]; VOLOCHINOV, 2017 [1929]) and in authors that interact with its theory (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014; BRAIT; MELLO, 2010; MENDES-POLATO; BELOTI; MENEGASSI, 2018; MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013; SOBRAL, 2009). The results of this discussion point that: a) the reality of valuation is its presence in the extraverbal context of enunciation; b) intonation is the main medium in which the appraisal shifts from extraverbal context to verbal; c) intonation is closely related to sound, however, it does not have a unique compromise to orality; d) intonation shows itself equally expressive in writing through acoustic-appraisal imagery made from the interlocutor by social grasps.

KEYWORDS: Valuation; Intonation; Enunciation.

Considerações iniciais

Neste trabalho, apresentam-se e discutem-se dois conceitos fundamentais do pensamento bakhtiniano: valoração e entonação, com intuito de esclarecer sua

¹ Mestre em Letras – Interfaces entre Linguística e Literatura; Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

² Doutora em Letras; Universidade Estadual de Maringá – UEM. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

importância para a totalidade enunciativa das manifestações oral e escrita, ao considerar que todo ato de escrita ou de fala – dentro de suas especificidades – carrega valorações que são explicitadas, dentre outros modos, pela entonação, o que define a posição dos indivíduos na interlocução. A escolha se deve à importância axiológica de tais conceitos no estudo da linguagem, considerada a partir de sua materialidade socioideológica. Isso porque a noção de “valor” e o modo como este é construído pela “entonação” se inserem em um complexo desenvolvido desde o primado do signo ideológico em oposição ao signo linguístico, e a sustentação de que a linguagem só pode ser manifestada socialmente, em forma de enunciados historicamente situados, portanto, inerentemente valorativos.

Para a abordagem proposta, são consideradas algumas obras do Círculo³ (BAKHTIN, 1997 [1978]; BAKHTIN, 2017 [1975]; VOLOCHINOV, 2013a [1930]; VOLOCHINOV, 2013b [1926]; VOLOCHINOV, 2017 [1929]) e de autores que dialogam com suas teorias (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014; BRAIT; MELLO, 2010; MENDES-POLATO; BELOTI; MENEGASSI, 2018; MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013; SOBRAL, 2009). Diante dos conceitos que serão apresentados e discutidos e das obras nas quais o presente trabalho é pautado, constata-se que se opera uma seleção em meio à amplitude de proposições presentes no pensamento do Círculo de Bakhtin. Não se trata da totalidade de conceitos desenvolvidos, e sequer de todas as obras escritas.

Essa limitação impõe dificuldades e riscos ao trabalho, pois é constatável que a noção de *dialogismo* é inerente à própria organização conceitual distribuída pelas várias obras do Círculo, em que nada é desenvolvido sem que tenha uma relevância na compreensão mais ampliada das ideias, e nada pode ser colocado como de menor importância na comparação com seus pares e no olhar geral ao pensamento dos autores russos. Em vista disso, assume-se que a fragmentação sempre é falha, pois faz uma seleção, nunca impessoal, em meio ao todo orgânico. No entanto, esta é a única forma de tentar, didaticamente, clarear alguns pontos das teorias do Círculo de Bakhtin, de acordo com os objetivos previamente estabelecidos. Dessa forma, o olhar

³Trata-se de uma parcela pequena das obras produzidas pelo Círculo de Bakhtin. A escolha se justifica pela questão teórica que envolve o estudo da linguagem em uma perspectiva mais voltada à Linguística. Seria possível mobilizar outras obras, tais como *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*; *O freudismo*; *Problemas da poética de Dostoiévski*, dentre outras; no entanto, estas se fundamentam em áreas mais voltadas à Literatura, Psicologia etc., que estão estreitamente ligadas ao estudo da língua, utilizam dos conceitos trabalhados neste artigo, mas o fazem por perspectivas diferentes, o que implicaria uma apreciação mais cautelosa, a destacar as fronteiras, os pontos de encontro etc.

e a escolha que se faz das obras e dos conceitos se justificam pelos objetivos dos pesquisadores.

Assim, o presente artigo está dividido em duas partes. Na primeira, definem-se alguns pontos relacionados ao conceito de *enunciado*, de modo a dar base às discussões propostas no tópico seguinte. Na segunda, apresentam-se os conceitos de *avaliação* e de *entonação*. Destaque-se que outros conceitos que compõem o pensamento do Círculo serão mobilizados no decorrer do trabalho, porém, com sucintas explicações, sempre que for necessário o esclarecimento.

1. Enunciado: condição para a efetividade da entonação valorativa

Um enunciado só se constitui na relação com outros enunciados; este é um dos postulados fundamentais do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1997 [1978]; VOLOCHÍNOV, 2013a [1930]; VOLOCHINOV, 2013b [1926]; VOLOCHINOV, 2017 [1929]). Isso equivale a dizer que as pessoas só se constituem mediante uma relação de alteridade, no amplo diálogo instituído por meio de enunciados concretos (BAKHTIN, 1997 [1978]); que uma obra de arte só se constitui em relação à outra obra de arte; que uma teoria só se constitui em relação à outra teoria: na apropriação de seus traços, na crítica, na negação, na reformulação. Como destaca Stam (1992, p.17), a “[...] complementaridade de visões, compreensões e sensibilidades, forma o cerne da noção bakhtiniana de diálogo”.

Essas considerações se fazem importantes para pensar a própria maneira como são formuladas as teorias bakhtinianas. É notável que os pensadores do Círculo de Bakhtin buscavam construir uma teoria particular, ou melhor, uma filosofia bakhtiniana da linguagem, a qual se constitui no diálogo com outras formas de pensamento acerca desse assunto, com outros filósofos-linguistas etc. Assim, os enunciados de Bakhtin e dos demais teóricos russos são plenos de “[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados [...]” (BAKHTIN, 1997 [1978], p.297), são o próprio dialogismo em funcionamento.

Isso é característico, especialmente, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929]). Tudo o que é afirmado na obra em relação à linguagem, faz-se a partir da crítica a duas tendências do pensamento linguístico-filosófico, denominadas por Volochinov de “Subjetivismo idealista” e “Objetivismo abstrato”. Assim, a obra do Círculo de Bakhtin só existe pelo diálogo que é

estabelecido com o pensamento precedente e, além disso, pela certeza dos diálogos subsequentes. Volochínov, portanto, concorda, discorda, reformula aquilo que estudou das tendências referidas; isso é diálogo, construído por meio dos enunciados.

Em relação à primeira tendência, o subjetivismo idealista, “[...] a sua definição mais simples e grosseira [da linguagem] é a seguinte: algo que se formou e se definiu de algum modo no psiquismo do indivíduo e é objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p.202). Destaque-se, ainda, que os fatores ideológicos são considerados nessa tendência, no entanto, no mesmo movimento de algo que se formou no próprio indivíduo, por algum processo particular, sem interferências externas.

Quanto à segunda tendência, o objetivismo abstrato, Volochínov (2017 [1929]) aponta Saussure como principal representante. Essa concepção afirma “[...] a realidade e a objetividade imediatas da língua como um sistema de formas normativas idênticas” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p.176). O autor destaca, ainda, que essa tendência desvincula totalmente a língua de sua natureza ideológica. Nessa perspectiva, o sistema linguístico é um instrumento para que os falantes possam se comunicar; um código que, levado de um a outro, sempre idêntico e puro, é compreendido pelas pessoas. As duas tendências são criticadas e dialogicamente reformuladas pelo Círculo em uma nova proposta:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 218-219).

Constata-se que o Círculo de Bakhtin toma uma posição em relação a essas duas tendências e, a com base nisso, constrói sua própria concepção acerca do fenômeno linguístico. Para Volochinov (2017 [1929]), portanto, a realidade da linguagem, sua concretude, está no “acontecimento social”, na “interação discursiva”. Por esse motivo, a constituição humana e, conseqüentemente, da língua se faz em relação ao outro, em ambiente social, onde as pessoas, as ideias, os sentimentos, as ideologias entram em contato: onde os discursos interagem. Essa interação, segundo o autor, ocorre por meio de *enunciados*.

Em *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997 [1978]), compreende-se que o emprego da língua ocorre por meio de *enunciados* orais, escritos, visuais etc., ou seja, uma conversa banal, uma palestra, uma obra literária, um *meme* de redes sociais, um filme, uma música, dentre outros exemplos, são enunciados que constroem a comunicação discursiva entre as pessoas, independente de sua organização mais ou menos formal. Ainda segundo Bakhtin (1997 [1978], p. 261), cada enunciado reflete as especificidades de um determinado campo, o que constitui o seu “tema”, o seu “estilo de linguagem” e a sua “construção composicional”.

O tema do enunciado é definido por Volochinov (2017 [1929], p. 227) como um “sentido de totalidade”. Isso remete à questão do enunciado como único, irrepetível e acabado, ou seja, à espera de uma resposta. Para esclarecer melhor, é possível tomar e ampliar um exemplo dado pelo próprio autor: se considerar o enunciado “que horas são?”, podem-se conseguir com ele temas completamente distintos. Imagine-se a situação de um torcedor que espera o início de um jogo da final de um campeonato importante que seu time irá disputar, e então ele olha para o amigo que está ao lado e diz “que horas são?”. Nesse exemplo o tema está ligado à ansiedade, à vontade de vencer o jogo, ao medo de perder. O sujeito aguarda por um acontecimento importante, pelo início de uma partida que pode consagrar seu time como campeão, ou como derrotado. A vista disso, a pergunta “que horas são?” congrega outras várias possibilidades: “quantos minutos faltam para começar o jogo?”; “será que o nosso time sairá vencedor?”; “espero que a partida inicie logo”; “está demorando demais” etc.

Esse enunciado, pronunciado novamente, mesmo que tenha as palavras idênticas, os mesmos sujeitos, nunca mais será igual, pois a história é contínua, e os temas variam conforme essas situações históricas. Considere-se que o hipotético jogo de futebol tenha se desenrolado a ponto de chegar aos quarenta minutos do segundo tempo com o time do torcedor do exemplo perdendo por um gol de diferença. Nesse momento, ele pergunta novamente ao amigo “que horas são?”. Percebe-se que o tema, mesmo se tratando das palavras já ditas, do mesmo jogo do futebol, das mesmas pessoas, da mesma data, é outro. A ansiedade para o início da partida transformou-se em um desejo de que o tempo se estenda. Assim, com essa pergunta, o sujeito diz “quantos minutos faltam para acabar o jogo?”, “será que vai dar tempo de empatarmos?”; “quantos minutos de acréscimo o juiz dará?”; “nesse ritmo de jogo

é possível vencer ainda?”, “por que meu time não jogou bem como no restante do campeonato?”.

Esse mesmo “que horas são?” poderia ser dirigido de um aluno entediado a um professor que dá sua aula; de uma pessoa que aguarda notícias de um amigo que está em uma sala de cirurgia com problemas de saúde; de um pai ao filho pequeno que tarda a ir dormir; dentre inúmeras situações imagináveis, e todos os enunciados seriam inéditos, irrepetíveis, suscitarium respostas e, com isso, teriam um tema próprio; este é o “sentido de totalidade” afirmado. Todos esses exemplos são situações: “[...] a situação forma o enunciado [...]” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 206), atribui peculiaridades a ele.

O estilo se insere nessas peculiaridades. Cada falante dará o formato da situação para o seu enunciado; imporá um “estilo”. No entanto, este não é algo inerente, pronto, sempre idêntico, como uma imagem da pessoa que se reflete automaticamente em suas enunciações. Pelo contrário, a própria situação fornece os parâmetros para que o estilo possa se realizar. O enunciado “que horas são?” pode ser apresentado com estilos totalmente diversos, a depender da formação e das intenções do locutor. Desse modo, o estilo, em Bakhtin, difere-se das visões tradicionais individualistas. Segundo Brait e Mello (2010, p. 83), “[...] o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados”, pois “[...] envolve idiosincrasias que tem como interlocutores textos, contextos, discursos etc [...]” (BRAIT; MELLO, 2010, p. 87). Portanto, o estilo não pode ser desvinculado de uma cultura, dos participantes dessa cultura, da situação histórica. A partida de futebol utilizada no exemplo só tem sentido em uma cultura que vivencia esse esporte de maneira intensa. O enunciado “que horas são?” só adquire sua totalidade em uma interlocução com participantes que vivenciem essa cultura, suas regras, suas peculiaridades e que estejam inseridos em uma situação autêntica, única, o que define o estilo do enunciado, o seu “acabamento” (BRAIT; MELLO, 2010).

Com base nas duas noções apresentadas – tema e estilo, aponta-se para o terceiro constituinte do enunciado: a construção composicional. Esse elemento pode ser definido como o fator que congrega tema e estilo, e atribui, de fato, um formato final, um fechamento; nos termos de Volochinov (2017 [1929]), um acabamento ao enunciado. Se existe somente um tema compartilhado pelos falantes, ainda não há enunciado; se fosse possível existir somente um estilo, desvinculado do tema,

também não haveria; e mesmo tema e estilo só se unem quando organizados dentro de uma estrutura composicional. Uma composição, por sua vez, só é uma composição quando está completa, terminada e suprida em todas as suas necessidades; por isso, um enunciado, ressaltado, é a união indissolúvel entre os três elementos apresentados.

Assim, caracteriza-se a posição do Círculo de Bakhtin em relação ao enunciado, com diferenciação quanto ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato: o enunciado é de cunho social, sua vitalidade depende do pulsar da vida em sociedade. Ele necessita dos participantes de uma determinada situação: “[...] o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 204), e “a situação mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p.206). Nenhuma enunciação se forma sem a existência de mais pessoas – mesmo que não sejam elas reais – e está sujeita a uma situação próxima: o que acontece em um lugar e tempo muito bem delimitados; e num ambiente social amplo: toda a cultura e os acontecimentos que definem uma época, os costumes de uma nação. Exemplo disso é o uso das redes sociais. É possível considerar os enunciados gerados por um grupo de amigos, ou seja, suas comunidades, seus interesses, dentre outras coisas; todos esses enunciados são de “situação mais próxima”. Por outro lado, deve-se ter em conta que tudo isso não faria sentido algum às pessoas que viviam há cinquenta anos, e talvez faça pouco sentido para aqueles que viverão no século seguinte – aqui se tem o ambiente social mais abrangente, ou seja, da cultura e da história em sua amplitude.

Isso remete à outra noção fundamental no pensamento do Círculo de Bakhtin, desenvolvida, principalmente, em *Palavra na vida e palavra na poesia* (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926]): o *contexto extraverbal* da enunciação, composto por três elementos: “1) um *horizonte espacial compartilhado* por ambos os falantes [...]; 2) o *conhecimento* e a *compreensão comum da situação*, igualmente compartilhado pelos dois, e, finalmente, 3) a *valorização compartilhada* pelos dois, desta situação” (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 78). Em síntese: “A enunciação se apoia diretamente em tudo isto: no visto conjuntamente [...]; no sabido conjuntamente, e no avaliado conjuntamente [...]; tudo isso é abarcado pelo sentido vivo, aparece absorvido por ele, e, sem dúvida, não está expresso verbalmente, não está dito” (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 78).

Menegassi e Cavalcanti (2013) esclarecem que o extraverbal é caracterizado como aquilo que não está explícito, que não está marcado na escrita, na imagem, no som. O extraverbal, nessa perspectiva, é constituído pelos conhecimentos que não estão visível ou audivelmente materializados. Sua materialidade é outra, está situada nos implícitos “sócio-histórico-ideológico-contextual da produção” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 435). Isso pode ser analisado em um exemplo utilizado anteriormente, quando o pai diz ao filho sonolento “Que horas são?”, em que o extraverbal age diretamente na compreensão do enunciado, pois implicitamente tem-se: a) sou o teu pai, por isso, tenho autoridade sobre você; b) você tem aula pela manhã, portanto, precisa dormir; c) eu não precisaria estar te avisando disso novamente, dentre inúmeros outros enunciados possíveis.

Volochínov (2013b 1926]) destaca que o contexto extraverbal não é sempre idêntico, perceptível por todos. O autor usa durante o texto a expressão “intercâmbio comunicativo”. De acordo com ele, à medida que aumenta esse intercâmbio, amplia-se o contexto extraverbal e se expande, também, a “comunidade de valorações”, que são “atos socialmente necessários e consequentes” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 80). Necessários porque contribuem na interação discursiva; consequentes porque surgem dessa interação: “Todo discurso traz em si a valoração pelo locutor do dito e do modo de dizer [...]” (SOBRAL, 2009, p. 87), ou seja, do objeto de apreciação e da maneira de apreciá-lo.

No próximo tópico apresenta-se e discute-se o conceito de *valoração* e sua importância/relação com o extraverbal. Além disso, busca-se compreender como o horizonte extraverbal – o implícito – se relaciona com o explícito: verbal, visual etc. Para tanto, acrescenta-se a noção de *entonação*, um fator vital no fenômeno linguístico.

2. Valoração e entonação: entonação valorativa

Demonstrar-se-á como a *valoração* se constitui a realidade fundamental do contexto extraverbal, e de que forma os implícitos se tornam realidade enunciativa explícita nas formas verbais: principalmente, pela *entonação*, igualmente expressiva valorativamente nas manifestações oral e escritas, essa última por meio do que se denominou *imagem acústico-valorativa*.

Retoma-se a noção de extraverbal, para aprofundar os conceitos de valoração e entonação. Extraverbal é aquilo a) conjuntamente visto; b) conjuntamente sabido; c) conjuntamente avaliado. Para que uma enunciação seja efetiva, suscite resposta, os falantes precisam vislumbrar o mesmo objeto da referência. Da mesma forma, ambos os falantes necessitam conhecer (ou buscar conhecer), ao menos superficialmente, esse objeto; e, por fim, precisa haver uma avaliação de ambas as partes. Se houver apenas um olhar, um conhecimento, uma avaliação, não há diálogo, não há interlocução. Mesmo quando a pessoa dialoga consigo mesma, ela carrega na consciência a imagem social da concordância, da negação, do conflito. (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930]).

Destaque-se, nessa perspectiva, que o termo “conjuntamente” não equivale a “igualmente”. Isso é relevante, principalmente, no item (c) “conjuntamente avaliado”. O que as pessoas “veem” e “sabem” é muito mais resultado dessa avaliação feita sobre o objeto do que propriamente um reflexo “real”. Situa-se, nesse ponto, a questão ideológica no pensamento do Círculo de Bakhtin, pois a valoração é o movimento que se faz em direção à posição ideológica que se ocupa, assim, “[...] observa-se o postulado da não neutralidade dos discursos, uma vez que estes são sempre marcados pela valoração de uma dada ideologia” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 178), são axiológicos por excelência.

Segundo Acosta-Pereira e Rodrigues (2014, p.179), a *ideologia* para o Círculo de Bakhtin é “[...] a expressão de uma tomada de posição”. O sujeito nunca será indiferente ao objeto de apreciação, mas sempre se posicionará em relação a ele, seja com apreciação, depreciação, elogio, crítica, ironia, dentre outras possibilidades. Mesmo quando o indivíduo silencia diante de algo, sua posição já está determinada; mesmo quando parece intocado pelo acontecimento, este germina em sua consciência e determina outras ações no decorrer da história, em suma, a “tomada de posição” é vital ao próprio ser humano e, portanto, à linguagem. Dessa forma, “os enunciados, que materializam os discursos, apresentam sempre uma dimensão avaliativa e expressam um posicionamento social [...]” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 179). Assim

[...] a valoração é indissociável do discurso, da sua constitutividade histórica, ideológica e cultural. Com isso, percebemos que a valoração não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais

constitutivas desse contexto (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p.192).

De acordo com Volochínov (2017 [1929]), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (p. 208), já que “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (p. 233) e, conseqüentemente, “Não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (p. 236). Isso esclarece que a linguagem não se basta por uma estrutura objetiva, de significação sistêmica das palavras, mas envolve a questão valorativa.

Volochínov (2013b [1926], p. 81) destaca que “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais”. O autor acrescenta que “mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida” (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 82). No entanto, essa palavra, ou seja, os discursos e as valorações que estão no domínio do extraverbal, não encontram um “reflexo” na vida, como se a entonação tivesse a função de um espelho; pelo contrário, há, nesse caso, um “resumo valorativo”, uma refração que molda as situações (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926]).

Nos termos de Volochínov, “a entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação. [...] a entonação é a *expressão sonora* da valoração social” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 174-175), portanto, da “tomada de posição” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 179). Mendes-Polato, Beloti e Menegassi (2018) destacam que “a entonação própria dada a partir da apreensão social é condição para que o ser se refrate próprio e posicionado por meio da palavra discurso”, pois “a palavra só será própria quando povoada de intenção, acento, quando dominada por meio do discurso na sua orientação semântica e expressiva em direção social” (MENDES-POLATO; BELOTI; MENEGASSI, 2018, p. 593). Assim, as relações sociais são estabelecidas pela entonação, pois conferem ao sujeito a responsabilidade autoral, inerente à valoração, à posição tomada.

Imagine-se o exemplo de uma sala de aula em situação de ensino e aprendizagem. Tem-se aqui uma forma de relação social que envolve indivíduos em posições delimitadas. O professor, com certa autoridade, tanto em termos de conhecimento quanto comportamental, e os alunos submetidos a essa autoridade.

Considere-se, para esse mesmo exemplo, também, o vocábulo “querido”. Esse professor poderia, ao chamar a atenção de um aluno travesso, exclamar “querido!”, que pela situação e pelo tom de voz acentuado todos saberiam não se tratar de uma menção carinhosa. A mesma palavra, pronunciada com certa mansidão, serviria para mostrar algo ao aluno enquanto o auxilia em uma dificuldade; poderia ironizar um posicionamento em relação à matéria, dentre outros.

Assim, a entonação está estreitamente ligada ao som, à tonalidade da voz, à consistência e à moldagem vocal, ao timbre etc.: “Existe um provérbio bastante difundido: ‘o tom faz a música’. Precisamente esse ‘tom’ (a entonação) faz a ‘música’ (o sentido, o significado geral de qualquer enunciação)” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 174). No entanto, a entonação não está só, ela ganha apoio, também, de aspectos gesticulatórios, que contribuem para a totalidade enunciativa. Acerca do mesmo exemplo da sala de aula, talvez o professor que proferiu “querido!” em tom acentuado, tenha colocado as mãos na cintura, franzido a testa, feito gestos bruscos. Esses elementos unidos fazem com que se refrate, do extraverbal, todo o histórico escolar, com redesenho de posições, com o recordar fatos de sua história, dentre outras questões, o que acentua uma relação valorativa “dessemelhante” entre os participantes da interação sócio-discursiva:

A situação e o auditório, como já dissemos, determinam sobretudo a orientação social da enunciação e, finalmente, o próprio tema da conversação. A orientação social, por sua vez, determina a entonação da voz e a gesticulação – que dependem parcialmente do tema da conversação – nas quais encontra sua expressão exterior a relação dessemelhante do falante e do ouvinte naquela situação e sua diferente valoração (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p.180-181).

Outro aspecto relacionado à entonação se refere à escrita. Se a entonação tem uma ligação estreita com o som, com o tom/timbre de voz, pode-se questionar se a escrita perderia esse traço de expressividade. Menegassi e Cavalcanti (2013) problematizam essa questão:

[...] a entoação é uma característica dada pelo produtor também na escrita, podendo ser identificada por meios específicos, como marcas textuais, pontuação e marcas notacionais, sendo relacionadas ao extraverbal e ao julgamento de valor presumido. [...]. Dessa forma, é possível afirmar que a entoação transforma um termo em um enunciado acabado e as formas de sua compreensão são variáveis e polifônicas [...] (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 441).

Embora os autores defendam coerentemente a entonação como uma característica também da escrita, constata-se as “marcas notacionais” não são suficientes para atribuir a mesma expressão que há na oralidade. Isso não impede que um texto escrito suscite efeitos entonacionais muito semelhantes. Uma das chaves apresentadas por Volochinov (2013a, p. 174) para elucidar melhor esse problema é a questão da “[...] seleção das palavras e sua disposição [...]”, com vistas ao contexto enunciativo.

A “seleção das palavras” se apresenta aqui como um dos pontos centrais. Acosta-Pereira e Rodrigues (2014, p. 184) contribuem nessa discussão ao afirmarem que cada palavra escolhida é “contagiada” com uma expressão valorativa, o que implica, pode-se destacar, o contágio por tonalidades sociais; por esse motivo “[...] cada entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 177), dispostas, também, de maneira coerente à situação. No entanto, isso não é suficiente, ainda, para a compreensão da expressão da entonação na escrita.

A grande questão depreendida da reflexão acerca do pensamento do Círculo de Bakhtin conduz ao que parece ser o cerne do problema: na realidade, os sujeitos/leitores apreendem uma *imagem acústico-valorativa* das palavras. No entanto, essa imagem acústica aqui referida não é exatamente aquela de que tratava Saussure na perspectiva da língua como um sistema⁴. Pelo contrário, essa *imagem acústico-valorativa* é a que se faz do interlocutor pela interação. Não se trata de uma “gravação” sistemática que todo indivíduo tenha na mente, e que reproduza o tom da palavra. Trata-se de uma relação puramente social em que esses indivíduos, na interlocução, apreendem qual é o traço entonativo de seu interlocutor e, no momento da leitura de um texto escrito por ele, é possível, também, ler a entonação, desde que se tenha conhecimento acerca da situação.

Retome-se um exemplo já explorado neste tópico – o da interação em sala de aula – de modo a explicar a noção de imagem acústico-valorativa e sua característica social, enunciativa. Os alunos que compõem uma turma, ao longo da convivência, sabem exatamente quem é o seu professor; conhecem sua maneira de se posicionar enquanto se dirige ao quadro; conhecem seus principais gestos no momento em que explica a matéria; conhecem quais são as palavras que esse professor mais utiliza e

⁴ Nos estudos de Saussure, um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; o outro, o conceito, é o seu significado. Tal proposição aceita o signo como um fenômeno neutro e arbitrário.

em quais circunstâncias; conhecem seus gostos linguísticos; e conhecem, em igual proporção, suas entonações. Esse mesmo professor, com um tempo de convivência, apreende as características de seus alunos; sabe de suas dificuldades, sabe de seus usos linguísticos; sabe quando há ironia; sabe quando está sendo afrontado; sabe quando estão entediados pela aula e, finalmente, sabe quais são as entonações que expressam tais reações valorativas. Isso, no entanto, é totalmente dependente do ambiente social, da interação; nada é sistêmico.

Supunha-se que esse professor impute aos alunos a tarefa de escrever um texto, com temática e gêneros bem definidos, prazo de entrega, enfim, tudo o que é próprio ao ambiente escolar. Quando o professor recebe dos estudantes os textos concluídos e passa a lê-los, ele não lê aquelas palavras enquanto traços ou símbolos escritos que dizem alguma coisa; também, não mentaliza um som que é próprio a cada palavra independente de quem a diga. Esse professor, na realidade, irá “ler a voz” de cada estudante, irá ouvir essa voz por meio de um texto escrito, ou seja, terá a *imagem acústico-valorativa* da entonação de cada aluno. Isso se amplia quando observado o conhecimento da situação, da temática, da individualidade. Esse professor terá a imagem acústica apreendida pelas aulas, saberá a valoração, por isso o uso da expressão *acústico-valorativa*.

Considere-se, ainda, que o professor efetuou a leitura de todos os textos e propôs aos alunos uma revisão. Em suma, deixou alguns recados ao longo da folha e devolveu à turma para que as atividades pudessem ser escritas novamente, para melhorar o que fosse solicitado. Os alunos, ao receberem esses textos e lerem, por exemplo, “Parabéns, está ótimo, apenas melhore o segundo parágrafo”, ou então, “Pedro, você precisa prestar mais atenção quando estou explicando” etc., não leem apenas a estrutura verbal, não retiram da mente o som inerente à palavra, mas leem a voz do professor, ouvem pela escrita essa voz, reconhecem a entonação – até pela seleção das palavras e sua ordem – que ali é colocada.

O hipotético Pedro, com a ciência de sua posição em relação ao professor – talvez seja mal visto, talvez seja querido dele etc. –, sabe exatamente qual é o tom de voz que seria utilizado pelo docente caso essa situação fosse de forma oral; sabe também porque ele necessita prestar mais atenção na aula e qual é o tom inerente a essa afirmação. Em tudo isso há uma valoração por parte dos interlocutores. Esse exemplo, embora demonstre uma situação bem delimitada, aponta para a verdadeira realidade da entonação em relação à escrita. Isso vale para o leitor de um romance,

que sempre construirá a imagem acústico-valorativa de seus personagens – mesmo sem nunca conhecê-los –, certamente orientado por apreensões do social; para uma mensagem recebida pelo celular etc., portanto, o leitor sempre terá a imagem acústico-valorativa e a imagem gestual – ambas advindas da realidade social – de quem escreveu ou está no texto, mesmo que não o conheça pessoalmente, embora seja muito mais forte no contato direto.

Nessa perspectiva, o “tom” – a entonação – se desprende da centralidade da oralidade, da produção e recepção física de um som e passa a ser entendido em relação à compreensão interlocutiva, à valoração, à consciência; portanto, sem compromisso necessário com o sistema da língua. A tonalidade é um fator preponderante na construção e completude da consciência, da questão axiológica:

O que importa é o tom, separado dos elementos fônicos e semânticos da palavra (e de outros signos). Estes determinam a complexa tonalidade da nossa consciência, tonalidade que serve de contexto axiológico-emocional à nossa interpretação (plena e centrada nos sentidos) do texto que lemos (ou ouvimos), bem como, em uma forma mais complexa, ao processo de criação (de geração) do texto (BAKHTIN, 2017 [1929], p. 70).

Esses apontamentos – pela questão axiológica – contribuem na compreensão de outro ponto colocado pelo Círculo de Bakhtin a respeito da entonação avaliativa: a noção da tríplice participação, ou, da dupla orientação. Segundo Volochínov (2013b [1926], p. 83), “a entonação estabelece aqui uma atitude viva com o objeto da enunciação que chega a apelar como se fosse um culpado, de modo que o segundo participante, que é o ouvinte, se toma por *testemunha* ou por *aliado*”. Esse terceiro participante, ou objeto, dá a energia vital à entonação, pois o locutor se refere a ele com clareza, como que se orgulhando de mostrar ao interlocutor qual é a sua valoração em relação aquilo, de modo até a gerar uma possível persuasão.

Assim, toda entonação aparece orientada em duas direções: com respeito ao ouvinte enquanto aliado ou testemunha, e com respeito ao objeto da enunciação como se fosse um terceiro participante vivo; a entonação o molesta, o acaricia, rebaixa ou engrandece. Esta dupla orientação social determina e atribui um sentido a todos os aspectos da entonação. Mas o mesmo é válido para os demais aspectos de uma enunciação verbal: todos eles se organizam no mesmo processo da dupla orientação do falante: esta origem social se manifesta mais facilmente na entonação, que é o aspecto mais sensível, flexível e livre da palavra (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 85).

Se questionado acerca de quem seria o terceiro participante do exemplo trabalhado ao longo deste tópico, a resposta imediata certamente seria *o texto escrito na atividade escolar*, já que, na concepção do Círculo, dois interlocutores se referem a um objeto. Essa visão não é errada, no entanto, precisa ser relativizada. Considere-se, primeiro, que esse terceiro participante seja, de fato, a atividade escrita, depois de lida e revisada pelo docente. Tem-se, assim, o professor como um locutor: “Parabéns, está ótimo, apenas melhore o segundo parágrafo”. Aqui, diz-se que o texto está bom, que tem pouco a se fazer nele, que a tarefa está cumprida; ou seja, esse objeto é avaliado na presença daquele segundo participante, nesse caso, o aluno que o escreveu.

Por outro lado, esse terceiro participante poderia ser o próprio aluno, já que o professor estabelece uma atitude valorativa em relação a ele. Retome-se o exemplo: “Pedro, você precisa prestar mais atenção quando estou explicando”. Aqui há uma avaliação negativa e que praticamente desconsidera o texto da atividade escolar. Dessa forma, quando Pedro lê este recado, a valoração que o professor dá não recai sobre o objeto textual, mas sobre ele mesmo, pois retoma todo o contexto de ensino e aprendizagem que justifica o porquê de o professor afirmar que é preciso prestar mais atenção nas explicações.

Todos esses exemplos apontam para a “ênfase valorativa” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929]), que é inerente a toda palavra, e reafirmam a posição de que “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 208), possível, sobretudo, pela entonação, que “[...] se situa na fronteira entre a vida e a parte verbal da enunciação; parece bombear energia de uma situação vital à palavra, e atribui a tudo o que é linguisticamente estável uma dinamicidade histórica viva e uma unicidade irrepetível” (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 86), pois trabalha com as significações discursivas que estão escondidas por detrás do uso sistêmico.

Por fim, há de se pontuar nessa discussão, visto que a entonação expressiva ou valorativa é um traço constitutivo do enunciado (VOLOCHINOV, 2013a [1930]), a questão dos *gêneros discursivos*. Bakhtin (1997 [1978], p. 281) afirma que o todo do enunciado é determinado pela “vontade discursiva do falante”. Ao retomar os exemplos até aqui trabalhados, percebe-se que em cada um deles há uma vontade discursiva. O indivíduo, a partir de sua posição social, da cultura em que está inserido, da situação imediata ou mais ampla, do interlocutor, insere-se em um

discurso ao mesmo tempo em que imprime nele uma “vontade” para alcançar seus objetivos ou reafirmar seu posicionamento socioideológico.

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 1997 [1978], p. 282).

Portanto, o falante não é totalmente livre na sua “vontade discursiva”, pois a comunicação humana só pode ser efetivada a partir de tipos relativamente estáveis de enunciados concretos, ou seja, por meio dos gêneros discursivos. Os gêneros, segundo Bakhtin (1997 [1978], p. 284) necessitam de, ou melhor, estabilizam, certo “tom”, ou seja, “[...] incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva”. Dessa forma, para se expressar o indivíduo não faz propriamente uma seleção do “tom adequado”, tampouco de palavras que com seu tom deem a entonação necessária ao enunciado, mas transita pelos tipos relativamente estáveis: os gêneros do discurso.

Bakhtin (1997 [1978], p. 291) esclarece que “[...] a entonação expressiva pertence aqui ao enunciado e não à palavra”. O que ele defende é que a palavra não carrega em si nenhum tipo de entonação inerente, imutável, própria ao sistema, mas que toda palavra é expressiva em seus usos sociais, que passam a compor enunciados concretos marcados por situações autênticas e peculiares. Por isso, quando anteriormente se tratava da seleção das palavras, do seu “contágio social”, afirmava-se isso a partir da importância enunciativa da palavra e não de sua capacidade sistêmica de entonação. Em outros termos, a seleção das palavras obedece a regras sociais estabelecidas a partir da relativa estabilidade dos enunciados socialmente situados, os gêneros do discurso, que possibilitam a interação dialógica humana. Assim, deve-se compreender a relação entre os conceitos de *entonação*, *juízo de valor* com *enunciado* e *gêneros discursivos*.

Considerações finais

Este trabalho abordou dois conceitos fundamentais da concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin: valoração e entonação. No entanto, discutiram-se, paralelamente, outras noções importantes, principalmente, a de enunciado, já que a utilização da língua só pode ocorrer por meio de enunciados concretos, portanto, a entonação e a valoração dependem dessa concretude enunciativa.

Objetivava-se demonstrar como o enunciado é inerentemente social e, por esse motivo, carrega valorações que são transmitidas, dentre outras formas, pela entonação. Dessa forma, todo enunciado, independente do campo de circulação, tem como parte fundamental de seu desenvolvimento a entonação avaliativa. Essa conclusão geral é colocada com base na análise de alguns pontos fundamentais de obras do Círculo e de autores que dialogam com suas teorias.

Constatou-se, inicialmente, que o enunciado, devido a sua característica social, é marcadamente ideológico, pois os indivíduos tomam uma posição no diálogo (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014), operam uma refração a partir do contexto extraverbal da enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930]). Em outros termos, as valorações são formuladas sócio-historicamente e formam “comunidades” que são retomadas a cada situação enunciativa, não visíveis no aspecto verbal, porém, com significados que são apreendidos pelos interlocutores que se encontram na mesma condição contextual, por meio da entonação.

No entanto, ao analisar as obras do Círculo selecionadas para este trabalho, bem como, dos teóricos que discutiram os mesmos conceitos, surgiu um problema na compreensão da entonação em sua relação com a escrita. A definição mais clara de entonação pelo Círculo diz respeito ao som, tratando-a como uma “[...] expressão sonora da valoração social” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 175). Menegassi e Cavalcanti (2013) destacaram ser a entonação também uma característica da escrita, porém, limitaram-se às chamadas “marcas notacionais”, o que implica algo mais sistêmico.

Diante disso, ao refletir sobre as obras do Círculo, percebeu-se, primeiramente, que a entonação está ligada ao som, mas isso não obriga a um compromisso com a situação oral de comunicação. A entonação nasce a partir da oralidade, mas pode se efetivar independentemente da pronúncia ou não do som. Isso quer dizer que sujeito pode ouvir na sua consciência a marca entonacional do interlocutor, mas essa marca é inerentemente social, é apreendida na convivência com o outro, no movimento de alteridade.

Com essa constatação, optou-se por usar alguns termos pudesse congrega e redesenhar a compreensão da entonação como um fator também da escrita: a *imagem acústico-valorativa*. A entonação era tratada na escrita – ao menos nas obras consultadas para este trabalho – apenas pelos aspectos como pontuação, por exemplo. Isso não é errado, mas esconde uma complexidade muito maior na compreensão do fenômeno da linguagem em sua forma escrita. Na realidade, o indivíduo sempre “lê a voz” daquele que escreveu ou de quem está no texto, independente do conhecimento pessoal ou não, com base em suas relações sociais, históricas, ideológicas.

Essa discussão ganha ainda melhor embasamento ao considerar os *gêneros do discurso*, ou seja, formas típicas: a entonação também tem formas típicas, portanto, são muito relevantes no diálogo oral e também na escrita (BAKHTIN, 1997 [1978]). A entonação é uma realidade do enunciado, das condições de sua realização, da vontade discursiva do falante. Assim, cada gênero, ao se formar em uma dada especificidade, guarda em suas palavras a *imagem acústico-valorativa* que se faz do interlocutor. Isso ocorre tanto na comunicação oral quanto na escrita, o que demonstra a importância da compreensão do conceito de entonação valorativa para o estudo da linguagem pela perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/11.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1975].

_____. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017 [1975].

BRAIT, Beth; MELO, Rosilene de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDES-POLATO, Adriana Delmira; BELOTI, Adriana; MENEGASSI, Renilson José. Práticas epilinguísticas axiológicas na reescrita. *VII CÍRCULO – Rodas de conversa bakhtiniana: fronteiras*. São Carlos: Pedro & João editores, 2018, p. 588-608. Disponível em: <<https://circularodas2018.wixsite.com/rodas2018/caderno-de-textos>>. Acesso em: 20 de out. 2019.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Rosilene da Silva de M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*. São Paulo, 57 (2), 433-449, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/5133/4669>>. Acesso em: 16 set. 2019.

SOBRAL, Adail. Entonação avaliativa e responsividade ativa. In: SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das letras, 2009.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução: Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013a [1930].

_____. A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros enunciados*. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b [1926].

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], 373p.

Artigo recebido no dia 02 de dezembro de 2019.